

Resumo

Buscamos, neste texto de revisão teórica, apresentar a concepção dialógica da linguagem, situando, na perspectiva do que é e do como se faz, a Análise Dialógica do Discurso, bem como a arquivologia/análise documentária em perspectiva discursiva, justificando que os discursos do campo da comunicação arquivística podem e precisam ser analisados pela identificação da situação discursiva histórico-social em que ocorrem as práticas de linguagem, até chegar ao exame das formas gramaticais. Acreditamos que a análise documentária nos estudos arquivísticos pode ser feita a partir do que nos esclarecem Bakhtin e Volochínov (2009) como caminho metodológico para a análise das práticas languageiras, a saber: as formas de interação verbal, as diferentes formas de enunciação e o exame das formas da língua e sua interpretação habitual, isto é, nos seus contextos particulares e enunciativos de comunicação discursiva, dentre estes campos está o discurso arquivístico.

Palavras-chave: Análise Dialógica do Discurso. Arquivística. Análise Documentária. História. Sujeito.

Abstract

We seek, in this theoretical revision text, to present the dialogical conception of language, situating, in the perspective of what is and how it is done, the Dialogical Analysis of Discourse, as well as the documentary analysis/documentary in a discursive perspective, justifying that the speeches of the Field of archival communication can and must be analyzed by the identification of the historical-social discursive situation in which the language practices occur, until the examination of the grammatical forms. We believe that documentary analysis in archival studies can be made from what Bakhtin and Volochínov (2009) explain as a methodological way for the analysis of language practices, namely: the forms of verbal interaction, the different forms of enunciation and the examination Of the forms of the language and its habitual interpretation, that is, in its particular and enunciative contexts of discursive communication, among these fields is the archival discourse.

Keywords: Dialogical Analysis of Speech. Archival. Documentary Analysis. History. Subject.

O presente trabalho surgiu do convite feito pela Professora Dra. Eliete Correia dos Santos para contribuirmos com as atividades do evento “VIII Seminário de Saberes Arquivísticos – Arquivologia: convergências e perspectivas”, promovido pelo projeto **Seminário de Saberes Arquivísticos (SESA)**/Universidade Estadual da Paraíba, em parceria com a Universidade Federal da Paraíba, e realizado entre os dias 16 e 18 de agosto de 2017 em João Pessoa/PB. A contribuição se deu em forma de minicurso que trouxe para a “cena da discussão” a relevância dos estudos da *Análise Dialógica do Discurso* (Bakhtin e Volochínov, especificamente) para a compreensão/análises de textos de documentos/arquivos.

Convite feito, convite aceito!

A partir da temática do evento e da assertiva de que é possível estabelecermos relações entre estudos discursivos e arquivísticos, buscamos, neste texto de revisão teórica, apresentar a concepção dialógica da linguagem, situando, na perspectiva do que é e do como se faz, a *Análise Dialógica do Discurso*, bem como a arquivologia/análise documentária em perspectiva discursiva, justificando que os discursos do campo da comunicação arquivística podem e precisam ser analisados pela identificação da situação discursiva histórico-social em que ocorrem as práticas de linguagem, até chegar ao exame das formas gramaticais.

Segue a discussão.

A PERSPECTIVA DIALÓGICA DA LINGUAGEM

O fenômeno da interação é o que constitui a linguagem, ou seja, é a realidade fundamental da língua, de acordo com Bakhtin/Volochínov (2009). É somente pela interação que a linguagem acontece, isto é, nas situações de comunicação real e de uso da língua. Dessa maneira, Bakhtin (2010a, p. 271) menciona, enfaticamente, em seus escritos que “toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (...); toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante.

Percebemos, portanto, que a responsividade não é apenas uma simples decorrência das práticas de linguagem, mas, antes, um fator imprescindível para que elas aconteçam. Não se trata apenas de poder oferecer uma resposta ao que foi dito pelo locutor, mas de compreender que a formulação de enunciado endereçado ao outro constitui, por si, uma possível resposta a outros enunciados que circulam na sociedade, conforme ensinam Bakhtin/Volochínov (2009).

Desse modo, o discurso interior, tanto do locutor como do outro, é resultado da internalização e da reconstrução das práticas sociais das quais o sujeito toma parte ao longo de sua existência. Nesse discurso, torna-se possível vislumbrar também um dos princípios geradores da responsividade, visto que ela constitui-se como resposta interna aos processos interiorizados e, ao mesmo tempo, fundamenta as respostas que o sujeito produz aos eventos futuros, sejam eles linguísticos ou não.

Assim, no diálogo, o outro, aquele a quem a palavra é dirigida, não se comporta apenas como mero ouvinte; ao contrário, sua relevância alcança o momento anterior à verbalização do enunciado, visto que é a ele que a palavra se dirige e é em função dele que essa mesma palavra se configura, não de forma idealizada, mas sob a coerção das relações sociais mutuamente estabelecidas (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2009).

Nesses termos, não importa apenas a individualidade daquele a quem a palavra é endereçada, mas também a posição social que ele ocupa em relação ao sujeito de quem a palavra procede e o entorno no qual se encontram inseridos. Nesta perspectiva, verifica-se que, nas trocas verbais, locutor e outro compartilham um espaço comum em que os sentidos são partilhados e não somente as unidades lexicais isoladas. Ambos desempenham, assim, papéis ativos nesse espaço, que não é apenas dividido, como se cada um fosse responsável apenas por um dos turnos do diálogo. É um espaço compartilhado, o que significa que é no entremeio, isto é, na interação, que a língua se efetiva em enunciados concretos constituídos de palavras-signo, sempre a partir da relação previamente estabelecida, mesmo que virtualmente, com o outro.

Assim, é notório que toda expressão linguística é sempre orientada em direção ao outro, em direção ao ouvinte. Para se compreender o enunciado é preciso entender a sua orientação social. Voloshinov (1976) menciona que a verdadeira essência da linguagem é o evento social da interação verbal que se concretiza em um ou em vários enunciados. Desta forma, toda e qualquer situação comunicativa possui um auditório que admite uma organização bem definida, uma orientação.

Logo, “a orientação social é precisamente uma das forças vivas e constitutivas que, ao mesmo tempo em que organizam o contexto do enunciado – a situação –, determinam também a sua forma estilística e sua estrutura estritamente gramatical” (VOLOSHINOV, 1976, p. 08).

A partir dessa concepção, todo enunciado real possui um sentido e as palavras assumem inúmeras significações em função do sentido do enunciado que, por sua vez, é concreto. É por isto que o sentido da palavra é totalmente determinado por seu contexto (BAKHTIN/VOLOSHÍNOV, 2009, p. 109).

Verificamos que o enunciado é entendido como unidade da comunicação discursiva. Para o autor, é preciso diferenciar a palavra da língua do enunciado concreto. A palavra da língua, segundo os escritos de Bakhtin, é desprovida de emoção, de juízo de valor. Já o enunciado concreto é dotado de elemento expressivo, isto é, a relação subjetiva emocionalmente valorativa do falante com o conteúdo do objeto e do sentido do seu enunciado. Nos diferentes campos da comunicação discursiva, o elemento expressivo tem significado vário e grau vário de força, mas ele existe em toda parte: um enunciado absolutamente neutro é impossível (BAKHTIN, 2010a).

A ANÁLISE DIALÓGICA DO DISCURSO: O QUE É? COMO SE FAZ?

Os estudos da linguagem para a Análise Dialógica do Discurso (doravante, ADD) tomam como referência uma concepção de língua enquanto resultado, não acabado, da vida verbal em contextos específicos de comunicação e de interação. Neste sentido, pensar em linguagem corresponde a pensar como os enunciados são produzidos em sociedade cumprindo propósitos comunicativos. Logo, a ADD estuda as relações dos enunciados e as produções de sentidos estabelecidas no âmbito da comunicação discursiva. A estas relações dá-se o nome de dialogismo.

A perspectiva da ADD mostra que o diálogo ou a relação dialógica é a forma clássica de comunicação verbal e esta afirmação leva em conta a existência de sujeitos falantes, sujeitos que interagem, visto que o enunciado é dotado de reações-respostas que demarcam a responsividade ativa do interlocutor, do outro, vindo confirmar que a natureza da palavra quer sempre ser ouvida.

O dialogismo é a capacidade de o discurso dialogar com o já dito e se reportar ao que ainda será dito. Trata-se de um princípio constitutivo da linguagem. Partindo deste posicionamento, a

ADD concebe a linguagem em uma perspectiva histórico-sócio-cultural. A sua preocupação não está, apenas, no que o texto diz, mas, sobretudo, na interrelação entre o que e o como o texto diz.

É sob esta ótica que para os estudos da ADD o que produz significado ou abastece a vida concreta da palavra não é o seu conceito dicionarizado, mas o tempo e o espaço entre sujeitos organizados socialmente num cronotopo real e vivo, conforme Bakhtin (2010b).

Essa visão de que o significado dos mais variados enunciados está na interação verbal corresponde a um dos princípios básicos da ADD denominado exotopia, isto é, o “estar do lado de fora”, o fato de que há uma limitação intransponível no olhar de quem enuncia e que só o outro pode preencher. Em outras palavras, o outro fornece o inacabamento da vida verbal, o que nos faz remeter ao conceito do dialogismo: a inseparavelmente dupla orientação de todo significado.

Para Bakhtin (2010a, p. 272), toda compreensão plena real é ativamente responsiva e não é senão uma fase inicial preparatória para a resposta: “todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau (...) Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados”. E afirma mais:

Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites). Nem os sentidos *do passado*, isto é, nascidos no diálogo dos séculos passados, podem jamais ser estáveis (concluídos, acabados de uma vez por todas): eles sempre irão mudar (renovando-se) no processo do desenvolvimento subsequente, futuro do diálogo. Em qualquer momento do desenvolvimento do diálogo existem massas imensas e ilimitadas de sentidos esquecidos, mas em determinados momentos do sucessivo desenvolvimento do diálogo, em seu curso, tais sentidos serão lembrados e reviverão em forma renovada (em novo contexto). Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação. (BAKHTIN, 2010a, p. 410, itálicos do autor)

Desse modo, o conceito de dialogismo é vinculado ao de interação. É assim que se constitui a base de processo de produção dos discursos, entendidos como redes de relações dialógicas empreendidas e assumidas por um sujeito e expressas pela linguagem por meio de um ponto de vista: condição necessária para se construírem sentidos sobre enunciados concretos – posicionamento teórico-metodológico da ADD.

Na visão de Bakhtin (2010a), não há nem a primeira nem a última palavra, o princípio e o fim, e “não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites)” (p. 410). O que há, para o autor, é a construção de sentidos não estável, estanque, mas encadeamentos ilimitados de sentidos que serão “lembrados e reviverão em forma renovada (em novo contexto). Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação. Questão do grande tempo” (p. 410).

É, justamente, a essa possibilidade de renovação, de sentidos lembrados e atualizados que os estudos bakhtinianos denominam de dialogismo ou concepção dialógica da linguagem. Tal concepção, segundo Sobral (2009, p. 32), “propõe que a linguagem (e os discursos) têm seus sentidos produzidos pela presença constitutiva da intersubjetividade (a interação entre subjetividades) no intercâmbio verbal”.

Considerando o fator (inter)subjetividades podemos perceber o dialogismo vinculado à interação. Nestes termos, as relações dialógicas permitem, em eventos de interação social, a linguagem ser vista como concreta, situada em contextos sócio-históricos de comunicação. São estas relações dialógicas condição essencial da linguagem. Elas fazem parte da sua constituição.

Esse olhar convoca uma postura metodológica para o estudo da língua que transcende a natureza corporificada da forma. Para a ADD, as reflexões sobre a linguagem contemplam não apenas o signo linguístico, na proposta difundida por Saussure, por exemplo, mas o signo ideológico, aquele que se banha nas relações sociossubjetivas e se define como uma ponte entre um eu e um outro, isto é, na comunicação verbal concreta, viva e emocional.

Dentro dessa ótica, Bakhtin/Volochínov (2009, p. 129) apresentam a ordem metodológica para o estudo da língua – o como se faz:

1. As formas e os tipos da interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza.
2. As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto é, as categorias dos atos de fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal.
3. A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação linguística habitual.

Essa ordem metodológica prima por considerar o estudo da língua por uma perspectiva dialógica que traz para a cena da discussão o uso do sistema linguístico, as situações de linguagem que “povoam” a vida em sociedade, penetrando o curso da comunicação discursiva.

Assim, reconhecendo as interações verbais concretas e suas ideologias, as enunciações e o hábito das formas linguísticas é possível compreender a natureza dialógica da linguagem, a vida verboideológica da palavra, as suas valorações.

A ARQUIVOLOGIA/ANÁLISE DOCUMENTÁRIA EM PERSPECTIVA DISCURSIVA

Etimologicamente, arquivologia, ou também arquivística, corresponde ao estudo/conhecimento que se dedica ao trato à organização de arquivos em relação à história, a partir de procedimentos e técnicas precisas e particulares, dependendo dos documentos a serem observados.

É pensando, de modo singular, na relação entre a arquivologia e história que, em princípio, destacamos o interesse dos estudos discursivos em função de análise documentária, no sentido de gerenciar as informações sócio-históricas que atravessam a produção e a circulação dos documentos.

A arquivística “tem buscado redefinir a sua relação com a História, já que o uso dos documentos de arquivos, nos últimos cinquenta anos, foi se modificando, (...), pois há uma gama de instituições e pessoas que legitimam a constituição dos arquivos”, conforme Barros (2015, p. 18).

Como vemos, o discurso arquivístico está vinculado à história e pensar em discurso é pensar em práticas languageiras que estão intimamente relacionadas a processos históricos, aos modos de produção contextual. Este é um princípio da ADD: estudar a linguagem tendo como referência o “sabor axiológico” – as ideologias, as valorações, os pontos de vista – que constitui a linguagem e que está, de maneira dialógica, fundido no acontecimento situado no tempo e no espaço, isto é, na cronotopia: eis um ponto de convergência entre esta abordagem teórico-metodológica dos estudos do discurso e a arquivologia.

São oportunas as palavras de Barros (2013, p. 136) para quem

Arquivística, enquanto disciplina científica, tem passado nos últimos 30 anos por mudanças profundas em seu universo prático e teórico. Essas transformações, assim como aquelas que estabeleceram a disciplina durante o século XIX, e que a reorganizaram na década de 1950, são frutos de mudanças na maneira pela qual a sociedade produz, usa, compartilha e compreende documentos administrativos, jurídicos, literários, dentre outros relacionados à esfera institucional dos arquivos.

Dessa citação, acentuamos o papel científico da arquivística e seu caráter interdisciplinar. Daí, ser possível pensarmos no diálogo desta área do conhecimento com outros ramos do conhecimento, como a análise de discurso, como Barros (2015; 2013) vem difundindo em suas pesquisas.

Outra questão que destacamos é o papel da arquivística na difusão dos arquivos. “O processo de difusão vem a ser a divulgação, o ato de tornar público, de dar a conhecer o acervo de uma instituição” (ALMEIDA; MEDEIROS, 2017, p. 93). Nesta conjuntura, as autoras põem em relevo o usuário da informação: “a partir do estudo dos usuários é possível definir quem utiliza a informação e também quais pesquisadores podem ter interesse futuro no acervo” (ALMEIDA; MEDEIROS, 2017, p. 94).

O usuário, posto em evidência nas análises documentárias, se relaciona com as investigações da ADD tendo como referência a noção de interlocutor. Neste sentido, considerar a análise documentária na perspectiva da comunicação discursiva, como assim se propõe este trabalho, é considerar, além da história, os sujeitos envolvidos na prática de linguagem documental em observação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os objetivos deste trabalho foram alcançados, uma vez que apresentamos a concepção dialógica da linguagem e justificamos uma abordagem do discurso do campo da comunicação arquivística inserida numa perspectiva dialógica, considerando a história e os sujeitos.

Para tanto, acreditamos que a análise documentária nos estudos arquivísticos pode ser feita a partir do que nos esclarecem Bakhtin e Volochínov (2009) como caminho metodológico para a análise das práticas languageiras, a saber: as formas de interação verbal, as diferentes formas de enunciação e o exame das formas da língua e sua interpretação habitual, isto é, nos seus contextos particulares e enunciativos de comunicação discursiva, dentre estes campos está o discurso arquivístico.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, B. C. D.; MEDEIROS, R. P. Uma perspectiva sobre a difusão nos arquivos universitários de instituições com cursos de arquivologia no Brasil. **Ibersid**. 11:1 (en.-jun., 2017) 93-97.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010a.

_____. **Questões de literatura e de estética:** a teoria do romance. 6. ed. São Paulo: HUCITEC, 2010b.

_____; VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem:** problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. 13. ed. São Paulo: HUCITEC, 2009.

BARROS, T. H. B. **Uma trajetória da Arquivística a partir da Análise do Discurso:** inflexões histórico-conceituais. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

_____. Os Arquivos, a Arquivística e o discurso: alguns marcos históricos e conceituais. In.: **Informação Arquivística**, Rio de Janeiro, RJ, v. 2, n. 1, p. 135-157, jan./jun., 2013.

SOBRAL, A. **Do dialogismo ao gênero:** as bases do pensamento do círculo de Bakhtin. Campinas - SP: Mercado de Letras, 2009.

VOLOSHINOV, V. N. **A estrutura do enunciado.** Paris, Seuil, 1976.